

Investimento despensa 8,9%

Crescimento de 1,3% em relação ao segundo trimestre do ano não reverte o tombo na comparação com o mesmo período de 2013

» ROSANA HESSEL

A redução acentuada dos investimentos no terceiro trimestre desanimou os especialistas sobre uma retomada da atividade econômica este ano. Com queda de 8,9% de julho a setembro, na comparação com o mesmo período de 2013, essa é a quarta retração trimestral consecutiva. "Sem investimento hoje, não há crescimento amanhã", destacou o pesquisador de Economia Aplicada do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (Ibre/FGV), Vinicius Botelho. Para ele, a alta de apenas 0,1% do PIB é reflexo desse recuo e da baixa poupança no país, que caiu de 15,1% no terceiro trimestre de 2013 para 14% no mesmo período deste ano.

Na comparação com o período de abril a junho deste ano, houve leve melhora — alta de 1,3% —, mas insuficiente para reverter o tombo de 7,4% acumulado no ano. "Para os próximos trimestres, a perspectiva de desvalorização cambial deverá resultar em um investimento ainda mais fraco. Parte das máquinas são importadas e, com a alta do dólar, o investimento tenderá a cair", afirmou Botelho.

A opinião é compartilhada pelo economista-chefe da Sul América Investimentos, Newton Rosa. "O quadro de estagnação da economia com inflação alta persiste desde 2011 e deverá permanecer até o fim deste ano", afirmou. Para ele, a queda nos investimentos reflete a política econômica equivocada dos últimos anos, com pouca transparência, e que afugentou o investidor.

O baixo nível de confiança dos empresários e dos consumidores no ano eleitoral e a demora na definição dos novos rumos da política econômica refletiram na taxa de investimento em relação ao PIB, que caiu de 19% no terceiro trimestre de 2013 para 17,4% do PIB no mesmo período deste ano, atingindo um dos mais baixos patamares do mundo emergente. Estimativa do Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê taxa média de 24,9% para o mundo.

"A queda no investimento reflete a falta de confiança do empresário. Quando ele não tem ideia do que vai acontecer no futuro, deixa de investir. A incerteza das eleições afetou diretamente o PIB, que deixou de crescer porque o investimento não aconteceu", explicou o professor de finanças do Insper, Alexandre Chaia.

O futuro ministro da Fazenda, Joaquim Levy, afirmou que a nova equipe econômica estará empenhada em mudar esse quadro de desconfiança. "O governo federal dará o exemplo, aumentando sua poupança, especificamente, o superávit primário, e contribuindo para que outros entes da Federação, as empresas e as famílias sigam o mesmo caminho, tornando possível fortalecer nossa capacidade de investir e crescer", disse anteontem, no Palácio do Planalto.

Reversão

Para o economista-chefe da Votorantim Corretora, Roberto Padovani, essa sinalização do governo é positiva para reverter o quadro atual. "A medida que o governo corrige o rumo das contas públicas e indica metas anima o investidor. Ele está, assim, preparando o país para um ajuste no primeiro semestre e para um ciclo de retomada a partir da segunda metade de 2015", explicou.

O sócio da KPMG para área de empreendedores, Sebastian Soares, lembrou que o clima de pessimismo atrapalha os investidores e dificulta o crédito, principalmente em empresas familiares. Uma pesquisa feita pela empresa revelou que 60% das 125 empresas entrevistadas estão com dificuldades para arrumar financiamento. Soares destacou que o enfraquecimento da economia faz com que as empresas não se sintam seguras para investir. "Uma em cada quatro empresas deve recorrer a empréstimo para cobrir as obrigações legais de fim de ano, como 13º salário. E, com certeza, esse crédito estará mais caro do que anteriormente", explicou o consultor.

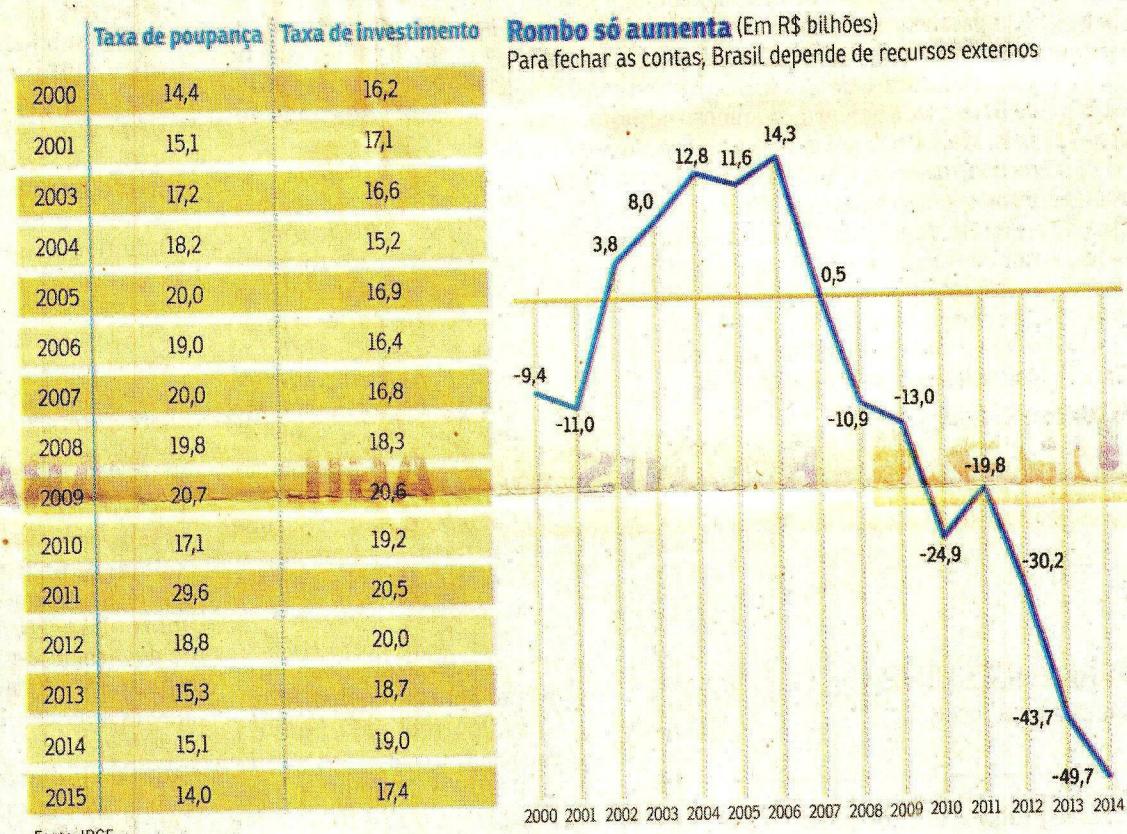
Carlos Moura/CB/D.A Press - 27/11/14



Joaquim Levy promete mudar o quadro de desconfiança durante sua gestão à frente do Ministério da Fazenda

Sem força para crescer (em % do PIB)

País não tem recursos para avançar sem pressões inflacionárias



Fonte: IBGE